

Imigração qualificada: o caso dos profissionais de música clássica oriundos da Ucrânia na Orquestra Clássica da Madeira

Qualified immigration: the case of classical music professionals from Ukraine in Madeira Classic Orquest

Teresa Norton Dias*

Resumo No universo artístico da Região Autónoma da Madeira existe um significativo e experiente grupo de profissionais de música clássica oriundos de países da Europa Central e de Leste. Tomando como principal enfoque o papel daqueles que assumem, no seio da Orquestra Clássica da Madeira, maior representatividade relativamente ao país de origem - os ucranianos - procurámos, através de um estudo empírico caracterizar esta população e perceber, não só o seu papel na sociedade de acolhimento, como a sua aceitação por esta.

Palavras-chave Imigração qualificada, profissionais de música clássica, músicos ucranianos na Madeira, arte, diálogo intercultural.

Abstract In the artistic universe of Madeira there is a significant and experienced group of classical music professionals from countries of Central and Eastern Europe. Taking as its primary focus the role of those who assume, within the Madeira Classical Orchestra, greater representation of the country of origin - Ukrainians - we sought, through an empirical study, to characterise this population and understand not only their role in the host society, but also their acceptance by it.

Keywords Skilled immigration, professional classical musicians, Ukrainian musicians in Madeira, art, intercultural dialogue.

* Universidade Aberta/CEMRI

Imigração qualificada: o caso dos profissionais de música clássica oriundos da Ucrânia na Orquestra Clássica da Madeira

Teresa Norton Dias

Introdução

Neste estudo olhámos o universo multicultural artístico da Região Autónoma da Madeira (R.A.M.) nas instituições do ensino da música e nas estruturas profissionais de *performance*. Trabalhámos para perceber quem eram os profissionais de música clássica cujo semblante por detrás do instrumento fazia denotar a multiplicidade de origens. Procurámos um universo central, a Orquestra Clássica da Madeira (O.C.M.) e partimos daí à procura de compreender de onde vinham, porque haviam escolhido Portugal e, mais concretamente, a R.A.M. e como é que os seus pares e a sociedade de acolhimento, aceitaram a sua presença.

Fizemos uma escolha primeira sobre os profissionais de música clássica oriundos de países de 'Leste Europeu'¹ e só depois é que nos centrámos naqueles cuja nacionalidade se nos apresentava numericamente mais representativa: a ucraniana.

Desenvolvemos um estudo exploratório de carácter empírico com dois subgrupos (direta e indiretamente ligados aos profissionais de música clássica da O.C.M. oriundos da Ucrânia), tendo utilizado como ferramentas, entrevistas semidirigidas e inquéritos por questionário. Neste processo, as entrevistas semidirigidas foram realizadas ao conjunto de profissionais de música clássica de origem ucraniana em estudo, aos seus pares, a programadores de espetáculo, a historiadores, a dirigentes, a ex-alunos e a encarregados de educação (12 entrevistas no total). Os inquéritos por questionário foram também realizados aos profissionais de música clássica da O.C.M. de origem ucraniana e ainda a cem elementos da sociedade de acolhimento (115 inquéritos no total).

Mediante as técnicas de recolha de dados referenciadas procurámos conhecer e compreender as motivações daquela população para emigrar e investigar as razões do seu sucesso, patente na opção de residência há mais de uma década, em Portugal. Foi também nossa intenção auscultar a sociedade de acolhimento sobre a permanência daqueles profissionais na R.A.M. e compreender a forma como foram aceites pelo mercado de trabalho.

Música e migração

Migração, enquanto mobilidade geográfica, apresenta-se como uma das características próprias da profissão de músico, cuja deslocação do país de origem é indissociável da oportunidade de enriquecimento e crescimento enquanto artista.

Dada a especificidade da profissão e de acordo com as leis do mercado, a cada lugar com oferta de vaga contratual corresponderá um músico com as características para a preencher, tornando reduzida a probabilidade de cada um se poder cingir às

orquestras que lhe são fisicamente próximas, mas a todas aquelas onde terá maior possibilidade de poder preencher uma vaga. Esta realidade ganhará mais peso quanto maior for o investimento de cada país na formação de músicos de orquestra e menor a disponibilidade para os empregar, forçando-os a delinear trajetórias para além do espaço geográfico onde cresceram, sacrificando-se por vezes, ainda que exercendo profissionalmente na sua área de formação, a precárias condições de vida e de trabalho (Segnini, 2011).

Ao fenómeno da imigração não é de todo alheio o fator económico e social apontado pelos próprios imigrantes e por Segnini (2011: 77), citando Ravet (2003) e Coulangelon (2004), quando, acerca da realidade brasileira, defende que “a docência no ensino superior público e o trabalho em orquestras, também públicas, constituem as principais possibilidades de trabalho formal para o artista de música, tanto no Brasil como em outros países industrializados”. A autora sustenta ainda que: “a imigração de músicos oriundos de países do Leste Europeu foi uma das estratégias implementadas por várias orquestras brasileiras, em várias regiões do país, na busca da conjugação do binómio excelência musical e contratos de assalariamento distantes das condições de trabalho dos servidores públicos, sobretudo no que tange à condição de estabilidade no trabalho” (Segnini, 2011:81), o que é de realçar atendendo à situação que se vivia nos seus países de origem e dada a importância dos montantes auferidos poderem ultrapassar em muito a remuneração naqueles, não obstante a precariedade contratual constatada no Brasil em que os contratos eram temporários, como aponta o estudo da autora. Em Portugal e na R.A.M., apesar de também subsistir um nível remuneratório abaixo do desejado, a possibilidade de exercerem a profissão para a qual se prepararam durante anos foi suficientemente apelativa para atrair profissionais altamente qualificados, oriundos de países onde sabemos predominar a “escola russa”², responsável pela formação de profissionais que se distribuem hoje por orquestras e escolas especializadas um pouco por todo o mundo: Alemanha, Brasil, Estados Unidos da América, Grécia e Portugal. A aspiração destes profissionais altamente especializados em, como qualquer outro cidadão, atingir a estabilidade económica e social, pensando não só em si, mas também nos familiares que deixaram no país de origem e no do futuro daqueles que trouxeram ou trarão ao mundo foi o fator *per si* apontado pelos próprios como essencial à sua fixação geográfica e ao sucesso no processo de integração na sociedade de acolhimento. No caso de alguns deles, sabemos que o impulso para emigrar não foi apenas suscitado por condições profissionais ou meramente financeiras, mas também pelas condições climáticas à que se associa o fator saúde, pois terá pesado na sua decisão o receio dos efeitos secundários do acidente de Tchernobyl, na Ucrânia, em 1986.

Tal como é sabido, a atividade artística proporciona a mobilidade daqueles que a exercem, ora na procura de mais formação e de novas experiências (participando em concursos internacionais, integrando escolas de renome e aprendendo com grandes mestres), ora na procura de um espaço próprio na sua área de formação (como no caso de um artista a solo), ou ainda integrando um grupo e, neste caso, uma orquestra. A mobilidade na profissão de músico verifica-se um pouco por toda a comunidade musical (Sá, 2004; Nico *et al.*, 2007; Côrte-Real, 2010), a cuja condição de migrante se associa a ideia de crescimento e de partilha, num espaço geográfico diferente daquele onde nasceram.

Relativamente ao universo em estudo, Mendes (2011: 274) na sua abordagem sobre representações e estereótipos dos imigrantes russos e ucranianos na sociedade portuguesa, mostrou a aceitabilidade e o reconhecimento da alta produtividade dos imigrantes russos e ucranianos pelos empregadores portugueses, apoiada não só na qualificação que possuem e na “sua dedicação e (...) gosto pelo trabalho”, mas também na sua grande “propensão para a mobilidade, nomeadamente geográfica”. Este último fator aplica-se tanto à Madeira como a outras regiões, tal como é referido por Reis *et al.* (2007).

É preciso não esquecermos as razões que trazem os músicos ucranianos a Portugal, os valores que transportam consigo e as razões que os movem em mais uma etapa, fatores comuns à maioria dos imigrantes oriundos de países do ‘Leste Europeu’, independentemente do ramo profissional em que se encontram inseridos, e que marcam “significativamente a alteração das relações da imigração” e modificam “os impactos regionais dos novos residentes” (Reis *et al.*, 2007: 65).

A mobilidade dos migrantes de países da Europa Central e de Leste é uma característica que também foi identificada num estudo para a Rede Europeia das Migrações sobre “O Impacto da Imigração nas Sociedades da Europa – o caso Português” (D’almeida *et al.*, 2004: 40), onde se reconhece: “...a existência de um movimento migratório de músicos da Europa Central e de Leste para o interior do país, provocado pelo facto de existir oferta no mercado, dinamizando as escolas pela sua capacidade de trabalho, disciplina e organização.”

Importa ainda referir que, em Portugal, a música representa o subdomínio das artes onde a presença de profissionais imigrantes é mais notória (Nico *et al.*, 2007; Gomes *et al.*, 2010) e que num inquérito aplicado às orquestras portuguesas em 2002 (Conde *et al.*, 2003) foi igualmente identificado um fluxo de músicos proveniente do Leste Europeu, que chegou às orquestras portuguesas nos anos de 1990. Neste estudo, os autores concluem que a percentagem de músicos do Leste Europeu é maior nas orquestras que foram fundadas ou reestruturadas na década de 1990 (caso da Orquestra Sinfónica Portuguesa) e que, em orquestras com maior antiguidade e maior estabilidade institucional (como a Orquestra Gulbenkian, nascida em 1962), a percentagem de músicos do Leste Europeu revelou ser inferior.

A música como instrumento no diálogo intercultural

Não é novo nem recente o papel que as artes têm ou podem assumir como instrumento privilegiado no fortalecimento do diálogo entre culturas e para o qual a mobilidade dos artistas assume vantagem em relação a outras profissões.

Sabemos ainda que a música, em particular, goza de uma outra propriedade universal (Farinha, 2012): *per se* constitui-se numa linguagem própria e independente da nacionalidade de quem a reproduz e, por isso, igualmente independente da língua que o seu intérprete fala, deixando-se o sucesso à capacidade de cada um em transmitir

e fazer-se entender. Independentemente de outras ferramentas auxiliares utilizadas (como o gesto, por exemplo) sabemos também que a afinidade e empatia que se gera entre os pares é suficientemente forte para mover barreiras facilmente criadas pela simples dificuldade em comunicar.

Mesmo no plano da formação essa realidade multicultural é visível em países como Portugal, que não tinha tradição no ensino da música clássica e, em especial, na formação dos músicos de orquestra e que teve necessidade de recorrer a contratações de especialistas de países onde essa formação estava solidamente implementada.

O peso da diferença qualitativa entre o ensino que se proporciona em Portugal nos finais do século XX e aquele que se vem a verificar com a formação que trazem e podem proporcionar os profissionais licenciados pelos Conservatórios Soviéticos, constitui-se como um “benefício decorrente da partilha de competências e saberes que muitos destes profissionais altamente qualificados podem fazer com quem entre nós quer aprender. A transformação ocorrida no ensino da música, um pouco por todo o país, graças à presença de músicos estrangeiros enquanto professores nos conservatórios regionais é o expoente máximo desse ganho cultural”, como sustenta Rui Marques (2007: 14), à data, alto-comissário para a Imigração e Minorias Étnicas. Em pleno século XXI, a esta circunstância não são indiferentes as instituições universitárias e politécnicas que em Portugal acreditam, ao mais alto nível, o ensino especializado da música.

É neste contexto de mobilidade, combinadas as elevadas competências técnicas e artísticas, a que se junta a aspiração a uma vida melhor, que incluímos a população em estudo, enquanto membros do elenco da Orquestra Clássica da Madeira e docentes nas instituições públicas de ensino artístico regionais, como o Conservatório – Escola Profissional das Artes da Madeira e o Gabinete Coordenador de Educação Artística.

Perfil social dos músicos ucranianos da Orquestra Clássica da Madeira

Dos profissionais de música clássica da O.C.M. circunscrevemo-nos neste estudo, como anteriormente referido, aos músicos que, sendo oriundos de países que integraram a ex-U.R.S.S., são originários do país com maior representatividade no que respeita à imigração em Portugal: os ucranianos. Estes representam em 2011, 29% do elenco da O.C.M. e o seu país de origem, segundo os dados do relatório do S.E.F. relativo ao mesmo ano, está em segundo lugar (com 11%) no que respeita não só à imigração, como também à respetiva condição legal, logo a seguir ao Brasil³, país de expressão portuguesa.

O nosso universo de estudo é composto por 15 indivíduos, sendo 9 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, numa supremacia percentual de mulheres (60%) sobre os homens (40%). São todos naturais da Ucrânia, caracterizando-se quanto ao seu estado civil da seguinte forma: 1 mulher solteira, 2 divorciadas, 2 casais em união de facto e os restantes casados (estes casamentos, à exceção de 2 elementos, acontecem dentro

do próprio grupo). Dos 13, em 15 indivíduos que responderam ao inquérito, apurámos um número total de 12 filhos, 10 dos quais menores de idade, tendo 7 deles nascido em Portugal (1 em Ponta Delgada e 6 no Funchal) e 5 na Ucrânia⁴. Todos os filhos menores de idade frequentam, ou frequentaram, as escolas portuguesas entre o pré-escolar, o 3.º Ciclo do Ensino Básico e o Curso Profissional de Instrumentista de Cordas e de Teclas.

O nível de escolaridade oscila entre a licenciatura e o doutoramento, sendo que 3 inquiridos(as) possuem o segundo ciclo do Ensino Superior e 4 inquiridos(as), o terceiro ciclo daquele nível de ensino. À questão específica acerca do reconhecimento das habilitações académicas adquiridas no país de origem, responderam 12 inquiridos(as). Destes, 5 tiveram o seu grau de licenciado reconhecido, os 3 com o grau de mestre tiveram equivalência à licenciatura e aos 4 doutorados foi-lhes dada a equivalência a 'Mestrado *in fine arts*', o que evidencia que no sistema de ensino português pré-Bolonha, o reconhecimento dos graus não era automático.

Relativamente à habilitação para lecionar no sistema de ensino português foi a entidade patronal que tratou de fazer reconhecer, junto do Ministério da Educação, as competências pedagógicas dos(as) inquiridos(as) para os diversos graus de ensino (2.º Ciclo do Ensino Básico e 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário), o que aconteceu em definitivo, após aval dado pela Universidade da Madeira, entre 2004 e 2011, sobre as competências adquiridas e nas várias situações, após um ano de tempo de serviço, tendo sido dispensados do segundo ano de profissionalização⁵.

Tendo apenas alguns ainda por reconhecer o grau académico que detinham à chegada a Portugal, esta tem sido a tarefa mais complicada de superar pois, muito embora tenha ganho agilidade com o processo de Bolonha, ainda não deixou completamente reconhecidos os profissionais que investiram em graus de doutoramento. Este reconhecimento, aparentemente de somenos importância quando se trata da demonstração prática das competências, não é irrelevante, por exemplo, no que se refere à integração em quadros das instituições portuguesas ou no acesso à investigação, constituindo-se o não reconhecimento daquele grau académico, um travão na progressão na carreira dos profissionais sobre os quais recai este estudo.

Motivações, expectativas e trajetória de emigração dos(as) inquiridos(as) da O.C.M.

Com especial enfoque na diáspora dos profissionais de música clássica ucranianos, neste estudo concentrámo-nos naqueles que, por vontade política do Governo Regional da Madeira e a seu convite (através das instâncias que à data geriam o Conservatório-Escola Profissional das Artes da Madeira – Eng.º Luíz Peter Clode⁶, a Orquestra Clássica da Madeira e o Gabinete Coordenador de Educação Artística) integram desde 1992 estas instituições, como testemunhado nas palavras do então Secretário Regional da Educação:

"Toda a lógica inicial da contratação teve como pressuposto a dupla dimensão de 'professores/formadores', papel este que era exercido no Conservatório e/ou no Gabinete Coordenador de Educação Artística, mas também, de 'executores/músi-

cos', indutores de espetáculos de qualidade, que criariam novos públicos e elevariam o nível cultural da população suportando ainda parte da animação turístico-cultural da Região, circunstância esta que tomava lugar através da sua integração na Orquestra Clássica da Madeira." (Depoimento escrito recolhido no âmbito deste estudo).

Da estratégia referida, e das contratações que daí advieram, resultou diretamente o percurso desenhado, entre os países de origem e as instituições que contrataram os músicos ucranianos: para uns, a viagem foi diretamente para a R.A.M. e para outros, foi primeiro para a Região Autónoma dos Açores e só depois para a Região Autónoma da Madeira, dando às trajetórias cumpridas a ligação direta entre a Ucrânia e Portugal. É com este espírito, associando a mobilidade própria da profissão às necessidades económicas e sociais dos profissionais músicos de orquestra, que partimos ao encontro da realidade na R.A.M. onde, em 2011, passadas mais de duas décadas após as primeiras contratações na então Orquestra de Câmara, 41% do elenco da Orquestra Clássica da Madeira é oriundo de países que integraram a ex-U.R.S.S.

Considerando as 13, em 15 respostas registadas ao inquérito, o maior número de profissionais de música clássica oriundos da Ucrânia chegou a Portugal na última década do século XX, mais concretamente entre 1992 e 1999. Os primeiros profissionais de música clássica alvo de estudo, residentes na R.A.M., chegaram em 1992 e em 1997 mais de metade da totalidade dos(as) inquiridos(as) já se encontrava em Portugal. Este período coincide com a transição da Orquestra de Câmara da Madeira para Orquestra Clássica da Madeira em 1997, patamar que atingiu com a presença de profissionais altamente qualificados onde se inclui este conjunto de inquiridos(as). A totalidade dos(as) inquiridos(as) já se encontrava em Portugal em 2003. A sua média de idades à chegada situava-se entre os 23 e os 34 anos. Todos(as) inquiridos(as) se encontram na Região Autónoma da Madeira em 2011, não obstante a vontade que possam ter tido de regressar à sua terra natal (um dos casais ausentou-se entre 1997 e 2000).

Enquanto os motivos apontados para deixarem o país de origem se nos apresentam como sendo de ordem económica, de saúde, por conselhos de familiares e de amigos, por motivo de contrato laboral ou por 'aventura', como confessado pelos próprios, já os motivos apresentados para uma tentativa falhada de regresso ao país de origem foram essencialmente questões de ordem económica e de segurança não só para os próprios, como para os seus filhos, geração cujas condições de educação, crescimento e triunfo no mundo do trabalho constituem uma verdadeira preocupação para os pais.

Um(a) dos(as) entrevistados(as) (Ent. 1, Músico), por exemplo, desdobra-se nas tarefas de progenitora, professora e encarregada de educação, levando o seu filho além-fronteiras, ora para participar em concursos internacionais, ora para estagiar com professores de renome, alguns deles oriundos de países antes pertencentes à ex-U.R.S.S., cuja 'escola' se reveste de grande exigência e que se encontram radicados em cidades europeias, como por exemplo, Berlim, na Alemanha. Associada aos motivos apresentados para a intensidade que o movimento migratório daqueles profissionais ganhou, é também apontada a integração de Portugal no Espaço Schengen em 1995 (Pires *et al.*, 2010) e à qual não foram alheias as escolhas dos profissionais que

estudámos, como veremos neste trabalho. Um(a) dos(as) inquiridos(as) revelou que as razões para ter emigrado foram:

“Ter acesso livre aos países da zona Schengen e facilidades de conseguir o visto para outros países (é extremamente importante para exercer a minha profissão: Concursos Internacionais, Concertos, Festivais, etc.). (...) Saber que trabalhando posso garantir boas condições de vida para a minha família.” (Inq. 4, Músico).

A este movimento migratório para Portugal, país outrora visto como caracteristicamente emigrante, não são alheios os inúmeros esforços desenvolvidos em políticas de acolhimento e integração de imigrantes como reconhecido no âmbito do MIPEX III (2011) e tal como o demonstra a publicação da lei de 2006⁷, encarando a presença dos imigrantes não só como uma importante mais-valia no seio da população ativa, mas também como um importante contributo para travar o envelhecimento do país, como defendido por Pires *et al.* (2010: 48), ao referir que “o país e o conjunto da Europa estariam ainda mais envelhecidos se não fossem o perfil jovem e a natalidade acrescida das populações imigrantes”, onde se inclui a população aqui retratada.

Os músicos ucranianos presentes na R.A.M. distinguem-se na formação de novos profissionais de música clássica e de públicos emergentes para a música clássica, desde o início da década de noventa. Este papel reflete-se desde o ensino a solo de instrumentos de teclas e de cordas (essencialmente piano e violino) às atuações em conjunto nas Orquestras Académica do C.E.P.A.M. e Clássica da Madeira, sem esquecer os pequenos agrupamentos que se formaram no C.E.P.A.M. e no G.C.E.A.⁸

Contudo, a população qualificada a que nos referimos neste estudo, dada a especificidade da sua profissão, não se vê como imigrante. A corroborar esta ideia, um(a) dos(as) inquiridos(as), quando questionado acerca dos motivos porque optara por emigrar, testemunhou que *“Não é uma emigração. Nós concorremos e assinámos um contrato de trabalho.”* (Inq. 5, Músico). A esta forma de perspetivarem o seu estatuto de imigrantes não são alheias as expectativas em volta da sua viagem para Portugal sobre as quais os inquirimos. Os(as) 12 inquiridos(as) que responderam a esta questão elencaram as seguintes expectativas:

“Criar uma família; arranjar o emprego e aos poucos chegamos a decisão de comprar a casa e mudar para aqui definitivamente; várias, dependentes da altura e outros fatores; viver numa terra bonita com a boa situação ecológica; realizar-me como músico, professor(a) e [progenitor(a)]; melhorar o meu estado de saúde; aprender uma nova língua, conhecer uma sociedade diferente, com as tradições culturais e costumes; tive expectativas positivas em relação de trabalho; tinha expectativas de arranjar trabalho e espaço para viver com a minha família; pretendia ficar aqui a trabalhar, com a minha família; expectativas de trabalho profissional; esperei encontrar algo mais desenvolvido em todos os sentidos do que a realidade dos Açores; viver de forma confortável e segura; ser útil no seu lugar de trabalho e ter a vida estável; trabalhar.”

Outro aspeto importante foi o de ouvir os próprios imigrantes para podermos perceber o seu grau de satisfação quanto à concretização das suas expectativas aquando da sua vinda para a R.A.M. de *“viver de forma confortável e segura”* (Inq. 6, Músico) ou de *“ser*

útil no seu lugar de trabalho. E ter a vida estável” (Inq. 12, Músico). Dofa)s 13 inquirido(a) s acerca da concretização das expectativas associadas à emigração, 11 consideraram que as expectativas se haviam tornado uma realidade, um respondeu “não posso generalizar” e outro considerou ter sido simultaneamente uma realidade e uma desilusão. Por exemplo, um(a) dos(as) inquiridos(as) considera que:

“Na R.A.M. há poucas possibilidades de exercer a profissão em termos de apresentações públicas a solo ou em conjunto. Já fui convidado(a) a tocar em recitais da parte de O.C.M., da Associação dos Amigos do Conservatório, de organizações governamentais, mas foram os recitais raros. Um músico perde o ritmo, a qualidade e o entusiasmo se toca uma vez de 2 em 2 anos ou de 3 em 3. É uma das poucas coisas que me trouxeram uma certa frustração [refere-se a um instrumento como o piano].” (Inq. 4, Músico).

Naturalização, identidade e intercâmbios com o país de origem

Em 2012, os(as) imigrantes inquiridos(as) neste estudo haviam pedido nacionalidade portuguesa, e até março daquele ano apenas um dos indivíduos aguardava ainda a decisão sobre o seu pedido. Dada a impossibilidade em adquirir dupla nacionalidade, a alternativa foi a da aquisição de duas nacionalidades, para que no momento da apresentação de passaportes no cruzamento das fronteiras, pudessem abdicar de uma em prol de outra. Tal como conseguimos apurar, 8 inquiridos(as) possuem duas nacionalidades (sendo que um possui nacionalidade portuguesa e nacionalidade russa e os restantes 7 as nacionalidades portuguesa e ucraniana); 4 abdicaram da nacionalidade ucraniana e possuem apenas a nacionalidade portuguesa e um aguardava, como ele próprio revelou aquando do preenchimento do inquérito, pela decisão sobre o pedido já efetuado. A conversa com um(a) dos(as) entrevistados(as) (Ent. 13, Músico)⁹ possibilitou-nos perceber a confusão que se pode estabelecer entre naturalidade (relativo ao local onde se nasceu) e nacionalidade (o que o torna cidadão de uma nação) *per si* e a expressão “nacionalidade por naturalização”¹⁰ que aparece na legislação para ressaltar o reconhecimento aos nacionalizados da igualdade de direitos que os naturais auferem. É também uma batalha não ignorada, através de múltiplas ações, por instituições várias e, muito em particular, pelo S.O.S. Racismo (2002) na luta contra a discriminação, assumindo mesmo posições contrárias às tomadas por organismos estatais, nomeadamente quando, por exemplo, pelo seu conhecimento da realidade social contrapõe números apresentados como sendo oficiais.

Um aspeto curioso relacionado com a nacionalidade adquirida é a preocupação demonstrada por alguns(umas) dos(as) entrevistados(as) em atribuírem aos filhos (sobretudo aos nascidos em Portugal) nomes próprios que não os relacionem com o país de origem dos pais, o que já não acontece com os apelidos, onde prevalece a preocupação da perpetuação das raízes através das gerações. Os traços identitários afetos à sua origem perpetuam-se no país de acolhimento, desde a culinária e as práticas religiosas, passando pelo desejo em ver integrados nos programas da O.C.M. compositores seus conterrâneos, até ao método utilizado na formação dos jovens músicos. O mesmo se verifica em relação à celebração de festividades e de importantes manifestações culturais em que aquele grupo imigrante segue o calendário ucraniano,

tal como enumera, por exemplo, um dos(as) inquiridos(as) (Inq. 4, Músico): *“Festejar a passagem do ano, em vez de festejar o Natal; Dar os parabéns às mulheres no Dia Internacional de Mulher (dia 8 de março - na Ucrânia é um feriado nacional); ...”*

No que se refere à prática religiosa dos(as) 13 inquirido(a)s 11 são cristãos e seguem a Igreja Ortodoxa (um deles é assumidamente não praticante), um Sanatana Dharma (hinduísmo) e outro é ateu. Na Madeira não existe (em 2011) um espaço de culto especificamente para cristãos ortodoxos e à semelhança do que acontece noutras localidades do país, a igreja católica cede-lhes um local de culto no Funchal - a Capela de Sta. Catarina. Sobre este aspeto foi referido por alguns(umas) do(a)s entrevistado(a)s, a tristeza que têm por não poderem frequentar com regularidade um templo da Igreja Ortodoxa, estando condicionados à utilização de um espaço cedido apenas ao domingo e por alturas de celebrações especiais. Para colmatar esta necessidade optaram por possuir em sua casa pequenos altares para a profissão da sua fé.

Como músicos profissionais é interessante conhecermos, pelo testemunho de um(a) inquirido(a), a perceção que esta população imigrante possui, acerca da realidade artística madeirense na altura da sua chegada à Região, por comparação com a mesma realidade, em 2011:

“A atualidade artística madeirense, na altura em que cheguei [1996], encontrava-se num declínio impressionante. Era uma província onde raramente apareciam alguns artistas dos grandes profissionais ou de alguma qualidade. Na altura, quem se esforçava para melhorar a situação, era Associação de Amigos do Conservatório que convidava os músicos de renome internacional. Os alunos de piano do Conservatório não tinham nível quase nenhum, enquanto os de cordas já estavam a ser bem ensinados, tendo os professores estrangeiros. Hoje em dia fazem-se muitos concertos, os alunos têm condições de luxo na aprendizagem musical. Realizam-se imensos projetos, inclusivamente internacionais. Eu diria que a Escola possui um bom nível internacional e a qualidade de ensino não é inferior a uma escola musical em França ou em Espanha, por exemplo. Vários alunos são vencedores dos prémios nos Concursos Internacionais.” (Inq. 4, Músico).

No caso da Orquestra Clássica da Madeira¹¹, o facto de esta ter um forte papel no turismo regional condiciona, muitas das vezes, a programação ao nível dos agrupamentos de câmara, onde a identidade poderia adquirir maior visibilidade. Tal não ocorre devido ao imperativo de se incluir naqueles programas músicas de compositores mais populares e conhecidos, ou que tenham alguma afinidade junto do público que a ouve, o que leva a que na prática se criem *performances* para públicos específicos e maioritariamente turísticos. Tal não significa que os compositores menos conhecidos não tenham igual êxito junto desse tipo de público, mas a garantia e o sucesso de compositores como Bach, Mendelssohn e Mozart, poderá igualmente condicionar as opções na escolha dos compositores. A maioria dos compositores com origem em países que integraram a ex-U.R.S.S. só foi tocada num concerto, incluindo-se nestes Tchaikovsky, de origem Russa. Em 2 concertos foram tocados 3 compositores, entre os quais se inclui Schostakovich, também ele de origem Russa. Em 3 concertos foram tocadas obras de Brahms e Mendelssohn, os compositores mais tocados.

Pelo exposto, pelos títulos adotados para alguns dos espetáculos¹² e pela sazonalidade dos mesmos, podemos perceber que o seu papel se condiciona, ora a programas para eventos específicos, ora a programas temáticos que se repetem ciclicamente a cada atuação, não transparecendo desta prática a preocupação da O.C.M. numa programação dedicada a compositores dos países de origem dos músicos que a integram. Deste modo, a relativização da origem dos músicos pela direção artística da O.C.M. contribui para que não haja um sinal de identidade ou de relação direta entre a programação da orquestra e a origem dos seus músicos.

Similarmente à prática adotada pela O.C.M., também nas Orquestras de Câmara é difícil considerarmos, em matéria de opção programática, uma estreita relação entre a origem do intérprete e a origem do compositor, pois apenas 3 compositores em 44 possíveis são originários da ex-U.R.S.S.. Pese embora apenas esteja aqui refletido o ano civil de 2011, este constitui um exemplo da prática adotada naquela instituição, onde as temporadas são maioritariamente sustentadas pelo trabalho desenvolvido pelos agrupamentos de Orquestra de Câmara da Orquestra Clássica da Madeira, a saber, "Madeira Camerata" (cordas), "Ensemble XXI" (cordas), "Madeira Winds-Quinteto Atlântida" (sopros), "Madeira Clássico" (cordas), "Madeira Wind Quintet – Cinco Ventos" (sopros) e "Madeira Brass Ensemble" (metais). Num total de 11 espetáculos realizados pela Madeira Camerata em 2011, o programa dedicado a 2 compositores de origem russa, respetivamente Borodin e Tchaikovsky, sob o título "Romances Rusos" foi apresentado apenas uma vez no mês de maio. Este número de apresentações está longe de igualar o número de vezes que foi tocado o programa com compositores como Piazzolla, Gardel, Bach e Mozart com o sugestivo título de "O melhor da Madeira Camerata". Já o 'Ensemble XXI' carece, na programação daquele ano civil, de qualquer programa de compositores oriundos de países que integraram a ex-U.R.S.S.. Os programas por eles apresentados assumem designações como "Música Latina", "Música Nórdica" (com duas variantes) e "O melhor do Ragtime", o que demonstra a não conexão direta entre a origem dos músicos e os compositores tocados.

A opção de programação das orquestras de câmara não significa, contudo, que não haja desejo individual dos músicos em executarem obras de compositores seus conterrâneos, conforme nos foi testemunhado por um(a) inquirido(a), quando confrontado sobre a sua escolha e expectativas relativamente à sua vinda para a Madeira e respondeu ser "*partilhar as tradições musicais da minha terra com os representantes de outra cultura e outras tradições*" (Inq. 4, Músico). Todavia, esta não é uma preocupação que o(a)s inquirido(a)s apresentam quando questionados sobre o facto de, no exercício da sua atividade profissional, escolherem obras de compositores seus conterrâneos, pois dos 13 que responderam a esta questão apenas 4 o fizeram afirmativamente, 4 responderam negativamente, 1 não respondeu e 2 referiram: "escolho quando acho conveniente ao nível pedagógico" ou "a música é universal", não atribuindo particular importância à origem dos seus compositores.

A marca identitária associada à origem dos imigrantes é também visível na forma como os músicos considerados neste estudo perpetuam o denominado método da "escola russa" na transmissão do saber acumulado aos estudantes e futuros músi-

cos. Sobre este método nas escolas portuguesas, pronunciou-se igualmente um(a) entrevistado(a) do subgrupo da sociedade de acolhimento:

“O método disciplinado destes professores trouxe ao de cima em muitas gerações recentes, o aparecimento de jovens valores na música erudita em Portugal. A grande maioria dos jovens profissionais de Música deve a estes professores a sua formação e o seu valor cada vez mais reconhecido além-fronteiras.”

Pelas conversas trocadas com alguns estudantes e encarregados de educação, quando de menor idade, ficámos a saber que é prática comum utilizarem-se manuais em língua russa e estimular-se a pesquisa sobre a terminologia e a história dos compositores, para além da prática diária e sistemática do instrumento em estudo. Esta forma de transferência de saberes de geração em geração é igualmente reconhecida como uma forma de se perpetuar “esta escola” além-fronteiras. A comprová-lo, está o facto da coordenação da área da música estar, no C.E.P.A.M., entre 2000 e 2012, a cargo de uma professora de origem ucraniana, entretanto nomeada assessora técnica e pedagógica dos Cursos Profissionais de Música de nível II (Básico de Instrumento) e de nível III¹³ (Instrumentista de Cordas e de Teclas e Instrumentista de Sopro e Percussão) e que instituiu no curriculum destes cursos algumas das práticas em que acredita, por terem já dado provas de eficácia com resultados. O estudo da História da Música e a prática intensiva de instrumento a solo e em conjunto, tornou aquela instituição uma referência, não só a nível nacional, como também internacional, onde alguns dos seus alunos marcam presença junto dos mais conceituados mestres naquelas áreas. Aos bons resultados, comprovados pelos prémios internacionais já obtidos,¹⁴ não ficaram indiferentes as universidades nacionais e internacionais, que acolheram aqueles que optaram por prosseguir estudos académicos, como nos confidenciaram dois dos músicos entrevistados (Ent. 1 e Ent. 4). Este testemunho é corroborado pela direção do C.E.P.A.M. que em novembro de 2011 manifestou o seu orgulho em todos os anos ter entre 10 a 15 finalistas, realidade outrora impensável no âmbito do ensino da música na Região. Portanto, à semelhança de outras práticas, no ensino projeta-se e perpetua-se a identidade da escola com métodos que se provaram já eficazes na obtenção de resultados práticos. Nesta matéria, é igualmente interessante verificar-se que mesmo aqueles que sendo portugueses, se formaram em escolas da ex-U.R.S.S., utilizam manuais e partituras musicais em língua russa, como nos foi testemunhado pelo encarregado de educação de uma criança de 11 anos, aluna do C.E.P.A.M.. Um outro elo de ligação dos músicos imigrantes aqui considerados com o seu país de origem, e bastante relevante, é o contacto com os familiares que lá permanecem e para os quais enviam remessas em dinheiro. O envio de receitas para familiares no país de origem é uma prática comum entre o(a)s inquirido(a)s, sendo que do(a)s 13 inquirido(a)s que responderam à questão apenas 2 referem ter deixado de o fazer. A baliza temporal no envio de receitas oscila entre uma vez por mês e uma vez por ano. Porém, a relação com o país de origem, além de expressa no envio de remessas monetárias, é também manifestada no desejo de realização de atividades transnacionais de intercâmbio cultural, que integrara os sonhos de alguns daqueles imigrantes, mas em relação às quais pouco se pronunciam. Por exemplo, um dos músicos entrevistados (Ent. 4), que desejara criar na Ucrânia (no período de interregno que fizera entre as duas estadias na Região) uma associação para a promoção de intercâmbio cultural

entre aquele país e Portugal, à altura da sua entrevista já não mais se encontrava interessado na concretização desse desejo.

Valorizados como são hoje os movimentos migratórios de e para o país de origem, os migrantes “incorporam não só as remessas económicas mas também as remessas sociais para as suas terras de origem, impulsionando estas à mudança. Hoje, no limiar do séc. XXI, esta nova vertente da migração internacional é pautada pela criação de pontes de encontro, de redes entre sociedades distintas, com base nas novas tecnologias de comunicação e informação” (Gonçalves, 2007: 165), em que a própria mobilidade inerente à profissão, intercâmbios e sistemas como o *Skype* e redes sociais como o Facebook, proporcionam consideráveis formas de partilha com dinâmicas e velocidades outrora impensáveis, atribuindo ao tempo uma importância muito diferente da anterior à era global e tecnológica em que vivemos.

Apesar dos(as) músicos(as) inquiridos(as) neste estudo não desenvolverem nenhuma outra atividade paralela à sua profissão como, por exemplo, abraçarem projetos de venda de produtos ucranianos em Portugal, manifestaram já ter tido o desejo de o fazer. Contudo, não quiseram entrar em detalhes, pois, como um dos elementos (Inq. 14) afirmou, trata-se de “um segredo económico” querendo naturalmente dizer que “o segredo é a alma do negócio”. Associado à sua área profissional desenvolvem de forma descontinuada, algumas atividades com características transnacionais em que assumiram um papel relevante e que transmitiram da seguinte forma: “projetos e intercâmbios do C.E.P.A.M.; concertos com artistas de renome internacional e nacional na O.C.M.; fórum internacional de música; concertos, masterclasses, intercâmbios; dei masterclasses no C.E.P.A.M.” (Inq. 13; Inq. 8; Inq. 14; Inq. 9).

Integração social e participação cívica no país de acolhimento

Um dos sinais de integração de uma população imigrante no país de acolhimento é a sua capacidade de comunicar na língua ali falada. Neste domínio, no que se refere aos profissionais de música clássica da O.C.M. e ao contrário do que poderíamos ter verificado, a comunicação numa nova língua não foi encarada como um obstáculo. Quando inquirido(a)s sobre as suas dificuldades em comunicar (tirando um elemento que já falava português, dada a prática da língua pela convivência com portugueses na Ucrânia), ó responderam terem tido que a estudar e outros ó terem-na aprendido através do contacto com a população, utilizando o gesto como complemento de comunicação. A aprendizagem da língua portuguesa foi encarada como um desafio, não obstante o facto de considerarem que a língua não constitui um obstáculo na profissão que desempenham. Um(a) dos(as) alunos(as) entrevistados(as), quando questionado sobre esta matéria, respondeu que as primeiras aulas não foram de grande dificuldade comunicativa e acrescentou:

“Acredito que na altura o professor não tinha grande desenvoltura na língua, mas a Música felizmente, transcende os obstáculos da comunicação verbal. Os primeiros anos pautaram-se pela aprendizagem motora do instrumento, e lembro-me principalmente das pequenas peças que toquei, que tinham títulos em russo. O profes-

...sor esforçava-se em explicar em português a história por trás, e isso fascinava-me muito como criança. Portanto, penso que as dificuldades que possam ter existido foram mínimas” (Ent. 3, Aluno).

A este propósito, outro(a) entrevistado(a) (Ent. 13, Músico) contou-nos um episódio sobre uma experiência vivida, fruto da perspicácia e da pertinência das crianças que, nesta matéria o ajudavam, corrigindo a pronúncia e a escrita das canções infantis nas aulas de formação musical. A mais-valia que constitui para este grupo de inquiridos(as) a prática bilingue é considerada, no entanto, por alguns dos seus colegas de profissão, uma barreira inter-relacional. O facto de eles terem “uma língua de defesa para conversarem sobre coisas sérias - fazem claque - pormenor importante” como sublinha um entrevistado e colega de profissão é a parte de que “não gostam tanto”.

Os profissionais de música clássica oriundos de países que integraram a ex-U.R.S.S., nomeadamente da Ucrânia são considerados pelos colegas de profissão como o grupo mais fechado sobre si e com pouca vida social, para além dos seus compromissos profissionais.

Apesar do contributo dos músicos ucranianos para a formação das novas gerações de música na R.A.M., a sua presença suscita uma dualidade de sentimentos aos seus pares, naturais e residentes na Madeira, pois, embora reconheçam a sua importância também os veem como um obstáculo. Um(a) dos(as) entrevistados(as) do subgrupo da sociedade de acolhimento, que com eles tem relação direta, coloca a questão nos seguintes termos:

“O Conservatório precisava de um quadro de professores que não tinha. Trouxeram técnicas e manuais por grau de conhecimento - primeiro impacto fantástico - durante cerca de uma década conseguem representar a ‘escola de leste’. A partir daí representam-se a si próprios. Ganham individualidade porque a ‘escola de leste’ fica por aí e lutam no dia-a-dia em várias frentes para receberem o máximo de dinheiro possível.”

E acrescenta: “Vão ficar por ali...os alunos que se formam não têm lugar enquanto os lugares de quadro estiverem preenchidos. Empregabilidade zero!”. De facto, aqueles profissionais integrarão o quadro do C.E.P.A.M. e do G.C.E.A. e da Orquestra Clássica da Madeira ainda por mais uns anos, até à sua reforma ou à possibilidade de alargamento do referido quadro e elenco, impossibilitando a integração da nova geração de profissionais que por eles foram formados, os quais são apenas pontualmente requisitados. Esta dicotomia entre mais-valia no ensino e preenchimento de quadros divide os músicos e os seus colegas, que se mostram preocupados relativamente ao futuro da profissão e ao modelo instituído, que a curto prazo estará esgotado em matéria de empregabilidade, numa clara alusão à dimensão da procura face à oferta disponível. Uma outra área, que apesar de um pouco à margem da realidade aqui tratada, é relevante quando se fala de empregabilidade na área da música, deixa desconfortáveis os profissionais madeirenses, e diz respeito à conquista pelos músicos estrangeiros do mercado dos hotéis, espaço há muito da exclusividade de profissionais naturais da Madeira e visto por estes, tratando-se de uma região turística, como de estabilidade

na contratação e remuneração auferida. As tensões relativamente à presença dos músicos estrangeiros entre os seus pares de naturalidade madeirense na Região evidenciam que nem sempre o acolhimento destes é percecionado como globalmente positivo.

Em matéria de integração, os músicos não são diferentes de outros profissionais de origem ucraniana, à exceção de que, ao contrário dos profissionais de outros setores e outros espaços geográficos (Mendes, 2010), o seu percurso na R.A.M., tanto na Orquestra Clássica da Madeira como no ensino da música, é um trajeto de sucesso que não fora afetado (de forma expressiva) pela conjuntura económica.

Perceções pela sociedade de acolhimento

Tendo em vista aceder às perceções quanto à aceitação no seio da sociedade de acolhimento dos profissionais de música clássica ucranianos visados neste estudo, analisámos os dados obtidos pelo inquérito por questionário aos elementos da sociedade de acolhimento com relação indireta com a nossa população-alvo, complementada pela análise dos dados de entrevistas que efetuámos a alguns elementos da sociedade de acolhimento que com aqueles profissionais estão diretamente relacionados. Ao inquérito aos elementos da sociedade de acolhimento com relação indireta com a nossa população-alvo responderam 100 pessoas, 75 mulheres e 25 homens cuja média de idades foi de 41 e de 47 anos, respetivamente.

Da análise aos dados recolhidos, constatamos que os espetadores mais assíduos aos concertos da O.C.M. parecem ter uma opinião mais favorável em relação à qualidade da sonoridade da Orquestra, do que aqueles que nunca assistem. Para verificarmos se esta diferença de opinião é estatisticamente significativa, fizemos um teste de independência do qui-quadrado para estas duas variáveis, mas excluindo os indivíduos que não responderam a uma ou a ambas as questões. A hipótese nula neste caso foi a de que a opinião é independente da assiduidade. O teste foi significativo (p -value inferior a 0,05) logo, de facto, a opinião depende da assiduidade. Os(as) inquiridos(as) que assistem aos espetáculos têm melhor opinião do que os que não assistem. É de assinalar também que os(as) inquiridos(as) que assistem pontualmente aos concertos são os que deles têm melhor opinião, sendo que 32 mulheres classificam-na de "muito boa" e 11 de "boa". No caso dos homens, 8 deles têm "muito boa" opinião e, 11 uma opinião "boa". Ainda assim e apesar destes resultados, não podemos deixar de notar que 25 dos(as) inquiridos(as) que nunca assistiram a espetáculos da O.C.M. conseguem ter, da sua prestação, uma opinião positiva. Por exemplo, um(a) inquirido(a) no espaço deixado para as observações no âmbito do inquérito realizado, exprime-o nestes termos: "A Orquestra Clássica é uma mais-valia para a cultura da Madeira. Por favor continuam sempre assim com bons concertos." (Inq. 45)

É interessante perceber que no seu conjunto (homens e mulheres), a média de idades é de 42 anos, o que nos leva a concluir que, de acordo com esta amostragem de 100 indivíduos, a esta faixa etária pertence igualmente o público mais assíduo aos concer-

tos da O.C.M.. Ainda através do teste de independência do qui-quadrado, verificámos que a variável género não influencia a apreciação que o(a)s inquirido(a)s possuem dos concertos da O.C.M. (*p-value* superior a 0,05).

A problemática da presença de músicos formados em escolas não nacionais, nomeadamente pelos métodos conhecidos por “escola russa”, foi igualmente abordada no inquérito a estes indivíduos. Os dados evidenciam que a maioria dos(as) inquiridos(as) desconhece o facto dos músicos da O.C.M., considerados neste estudo, terem sido formados pela “escola russa”. No entanto, este facto não parece influenciar a avaliação feita quanto à inclusão destes profissionais na O.C.M., pois, o teste de independência qui-quadrado para verificar se a avaliação era independente do conhecimento daquele facto, não levou à rejeição da hipótese nula (*p-value* superior a 0,05). Da observação dos dados concluímos que a maioria dos(as) inquiridos(as) concorda que os músicos aqui considerados constituem uma referência como professores nas instituições artísticas da R.A.M. e que também são uma mais-valia para o desempenho da O.C.M.. A este propósito e a título de exemplo, apresentamos ainda o sentimento daqueles que de uma ou de outra forma interagem diretamente com os profissionais de música clássica que aqui estudamos, recolhido nas entrevistas. Um(a) dos(as) entrevistados(as) salienta que:

“Neles tudo é diferente: a maneira de tocar é diferente, a maneira de ensinar é diferente, tudo neles é diferente (...) representam uma mudança de sistema na educação musical, na prática, na própria pedagogia, no repertório, na execução e na qualidade musical (...) representam a imigração qualificada que a sociedade madeirense aproveitou e tem que aproveitar” (Ent. 9).

E acrescenta dizendo que: “nunca viu concertos dados pelos músicos madeirenses, professores formados na Academia de Música da Madeira”. Por outro lado, outro entrevistado(a) afirma mesmo, a propósito da vinda destes músicos para a O.C.M. que:

“Foi uma fase crucial...a falta de músicos, sobretudo de cordas era notória e era muito grave. (...) a orquestra ressentia-se imenso e com a chegada deles (...) começou a melhorar (...) eles reforçaram a orquestra (...) de pequeno agrupamento com muitas falhas técnicas e de qualidade passa a orquestra com peso e isso deve-se sem dúvida a eles” (Ent. 12).

Por sua vez, um(a) dos(as) inquiridos(as) refere: “sou [progenitor(a)] de 2 crianças que frequentam o Conservatório – Escola das Artes, e tenho uma impressão muito positiva sobre os músicos/professores oriundos de países da ex-URSS.” (Inq. 49). No mesmo sentido um(a) outro(a) inquirido(a) salienta:

“Conheço de muito perto muitos músicos da Orquestra Clássica da Madeira! Para além de excelentes executantes, professores, são também pessoas muito bem formadas e de muito bom carácter. Tenho muita pena de não ser assídua a assistir aos seus concertos!” (Inq. 39).

A este sentimento de aceitação não se exclui a familiaridade sentida pela participação que possa ter tido o músico madeirense formado na ex-U.R.S.S. que ocupa lugares de destaque não só na O.C.M. como no C.E.P.A.M., casado com uma profissional de

música clássica de origem arménia, de reconhecido nível técnico e artístico e sobre quem não se poupam elogios de ordem pedagógica pelos resultados obtidos. Em suma, é de realçar o apoio generalizado do público a estes profissionais, igualmente expresso por profissionais de espetáculo e pelos encarregados de educação, tal como o expressaram nas entrevistas.

Considerações finais

Na última década do século XX registou-se em Portugal uma presença significativa de músicos oriundos de países da Europa Central e de Leste, recém-libertos de severas condicionantes políticas e restrições económicas. Chegaram repletos de esperança numa vida melhor, olhando para Portugal e para a R.A.M. como a porta que se abre num espaço onde a livre circulação se sobrepõe à humilhação antes vivenciada no controle de fronteiras.

Esta escolha representou, para os músicos, a concretização da esperança em alcançarem uma vida melhor e darem aos seus familiares um futuro diferente daquele que usufruiriam no país que os vira nascer; para as instituições da R.A.M., a possibilidade de alcançarem as ambiciosas metas traçadas para o ensino artístico e para a prática da música profissional na Região, com quadros especializados que até àquela data, tanto o país como a R.A.M., não haviam conseguido produzir. Deste processo fez parte uma Orquestra de excelência, importante produto cultural para a economia regional, apoiada em profissionais que trouxeram uma visão diferente sobre o mercado de trabalho e os atuais níveis de exigência performativa.

A vontade e necessidade do exercício da sua profissão com adequada remuneração, acrescidas do acolhimento e da perspetiva num futuro melhor, faz com que, já com nacionalidade portuguesa, aqui residam e, em 2012, permaneçam. Na sua grande maioria, encontram-se na Região Autónoma da Madeira há mais de uma década, onde tiveram oportunidade de desenvolver a sua carreira como músicos de orquestra, integrando a Orquestra Clássica da Madeira e as suas Orquestras de Câmara e participando em concertos a solo (sobretudo quando se trata dos instrumentos de tecla – concertos de piano, por exemplo) ou como solistas na O.C.M.. A totalidade destes músicos integram ainda os quadros das instituições públicas de ensino artístico da Região.

Pela investigação levada a cabo, sabemos que muitos dos músicos ucranianos considerados neste estudo têm filhos já nascidos em Portugal, os quais frequentam escolas portuguesas, sendo alguns deles, à semelhança dos seus progenitores, já uma referência na escolha profissional que abraçaram na área da música. A aposta por este grupo de músicos imigrantes nas gerações vindouras e na possibilidade de um futuro em Portugal, não exclui a saída para especializações em escolas estrangeiras ou para o investimento numa carreira internacional. Porém, não deixam de parte a possibilidade de frequência de universidades nacionais, onde consideram haver já bons mestres na área especializada de instrumento para músico de orquestra.

O grupo migrante por nós estudado olha para a sociedade de acolhimento como uma mais-valia nas suas vidas, não obstante o sacrifício que isso possa representar, face à distância e ausência das suas famílias com quem mantém contacto através da utilização das novas tecnologias, de deslocações ao país de origem, pela vinda à R.A.M. de familiares mais chegados (pais, filhos adultos, irmãos e sobrinhos) e pelo envio periódico de remessas financeiras. Mas não só, pois, as ligações identitárias ao país de origem perpetuam-se nas opções pedagógicas no ensino da música no país de acolhimento, pela aplicação do método da "escola russa" onde, dada a inexistência de compêndios de formação em torno de compositores portugueses, segundo o grau de aprendizagem do aluno, recorrem a partituras de compositores que conhecem e que já trabalharam. Esta poderá ser uma forma de concretizarem o seu desejo em tocarem músicas de compositores seus conterrâneos, o que raramente acontece na O.C.M., não tendo encontrado qualquer relação de identidade entre a origem das escolhas musicais do seu diretor artístico e a origem dos músicos que integram o elenco daquela orquestra.

Para Portugal, a presença de um alargado grupo imigrante oriundo da Ucrânia representa uma mais-valia, a qual é extensiva ao grupo residente na R.A.M. e, em particular, ao dos profissionais de música clássica, pelo impulso positivo que provocaram na reorganização da educação artística na Região.

Outra finalidade da investigação desenvolvida era a de conhecer a aceitação da presença deste grupo dos profissionais de música clássica de origem ucraniana na O.C.M., pela sociedade de acolhimento e pelo universo artístico madeirense. Pelo estudo realizado concluímos que aquele grupo é aceite e que o seu trabalho, tanto na orquestra, como na formação artística das novas gerações é reconhecido pela sociedade de acolhimento, nomeadamente, por aqueles que com eles têm uma relação indireta e na qualidade de público assistente. Estes consideram-nos uma mais-valia dada a mestria técnica e interpretativa da forma como se apresentam. Os que com eles possuem uma relação mais direta, como os estudantes e os colegas de profissão, salientam a estreita ligação professor/aluno por eles estimulada e a referência em que se converteram para os seus discípulos. Muito embora a relação com os seus pares seja considerada por ambas as partes de 'Boa' ou 'Muito Boa', ela nem sempre é pacífica dadas as tensões suscitadas pela forma como foram integrados nas instituições e pelo carácter permanente das posições que nelas ocupam. No entanto, existem dois aspetos em défice que gostaríamos de ver resolvidos tendo em vista uma integração plena: um, a falta de reconhecimento dos graus académicos de mestrado e de doutoramento obtidos no seu país de origem e o outro, a inexistência de um lugar de culto permanente, indo de encontro às suas práticas e tradições religiosas.

Com o trabalho desenvolvido neste estudo esperamos ter aberto caminho a mais investigação sobre a comunidade artística imigrante, oriunda de países da Europa Central e de Leste, a residir na Região Autónoma da Madeira. Neste sentido, gostaríamos que integrasse o esforço desenvolvido por toda a comunidade científica no estudo da população migrante, que nas últimas duas décadas contribuiu para que Portugal crescesse em áreas tão deficitárias como o ensino e a *performance* artística e da música em especial.

Notas

¹ No âmbito deste estudo falamos de ‘Leste europeu’ quando falamos dos países que integraram a ex União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, uma realidade política e económica que se viu desagregar em 1991, dando lugar a novos Estados-Nação com identidades renascidas.

² Por “escola russa” ou “escola soviética”, entende-se não só o método sistematizado e curriculum adotados nas escolas públicas dos países que integraram a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, como também a durabilidade [desde a mais tenra idade à mais alta qualificação académica] do mesmo, como é referido em Sá (2004).

³ Reforçando esta circunstância, também em Reis (2007) encontramos alusão àquela realidade de forma comparativa com a imigração brasileira no arranque do século XXI, onde podemos ler que: “considerando a soma das Autorizações de Residência registadas em 2004 e das Autorizações de Permanência emitidas entre 2001 e aquele ano, a Ucrânia apresenta valores praticamente iguais ao Brasil (na ordem dos 15% do total dos imigrantes a residir em Portugal em 2004).” (Reis et al. 2007: 66). No entanto, e não obstante a inevitável comparação destes dois níveis percentuais, sobretudo nas últimas duas décadas, a imigração da Ucrânia apresenta um decréscimo que, segundo o relatório supracitado, decorre desde 2010 do “aumento do acesso à nacionalidade portuguesa [...], dos impactos da crise económica e financeira em Portugal (...) e da alteração dos processos migratórios” (S.E.F., 2011: 16).

⁴ Algumas das crianças nascidas na Ucrânia após ambos os progenitores ou um deles ter tido uma experiência de imigração em Portugal.

⁵ A este propósito nos diplomas consta que: “concluíram o 1.º ano da profissionalização em serviço no ano lectivo 2008/2009 e dispensaram do 2.º ano” [sublinhado nosso], ao abrigo do n.º 1 do artigo 43.º do Decreto-Lei n.º 287/88, de 19 de Agosto, com a redacção que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º 345/89, de 11 de Outubro”, in DR, 2.ª série, N.º 63/2010, 31 de Março, p. 16880.

⁶ Informação disponível em <http://www.conservatorioescoladasartes.com/site/index.php?pagina=historia> [data da consulta: 19/08/2011].

⁷ “A Lei da Nacionalidade de 2006 elevou a classificação de Portugal no MIPEX II e surgiu nos indicadores alargados do MIPEX III como a mais eficaz do ponto de vista da integração nos 31 países.” – in, MIPEX III PORTUGAL, HUDDLESTON et al. (2011: 31).

⁸ Em 2012 devido às alterações impostas pela troika relativa à redução das estruturas de governo, passou a integrar a educação especial (no que respeita à educação artística) e os serviços de multimédia, passando a denominar-se Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia – D.S.E.A.M.

⁹ No preenchimento do inquérito, este entrevistado havia colocado “portuguesa” no espaço destinado à “naturalidade”.

¹⁰ Lei da Nacionalidade. Disponível em <http://www.nacionalidade.sef.pt/> [data da consulta: 19/08/2011].

¹¹ Por ocasião do estudo desenvolvido em 2010/2012 foi-nos possível ter acesso a toda a programação disponível no site desta organização, que hoje não mais disponibiliza os anos anteriores a 2013. Esta informação pode ser verificada em 2014 em http://www.ocmadeira.com/2014/index.php?pagina=todos_concertos [data da consulta: 25/09/2014].

¹² “A família Strauss”, num concerto de ano novo; a “Série Laurissilva”, nos meses de fevereiro e abril; a “Série Flores” e a “Série Jardins e Parques”, nos meses de março e maio respetivamente; o “Dia Mundial da Criança”, no mês de junho; espetáculos comemorativos ora dos conelhos, ora da Região em junho e julho respetivamente; e “Viva Verdi!”, no Dia Mundial da Música a 1 de Outubro.

¹³ Curso com nível de formação III, mas de qualificação IV – Portaria n.º 782/2009 de 23 de julho de 2009 – diploma que regula o Quadro Nacional de Qualificações.

¹⁴ Um só aluno conseguiu, entre os 8 aos 16 anos, ganhar 9 prémios internacionais.

Referências bibliográficas

Baganha, M. I. B., Marques, J. C., Góis P. (org.) (2010), *Imigração ucraniana em Portugal e no Sul da Europa: a emergência de uma ou várias comunidades?*, Coleção Comunidades, Observatório da Imigração, Lisboa: ACIDI. Disponível em http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179693/Estudo_Comun_3.pdf/5467ed94-e4b8-42a2-844f-7f1926dec708 [data da consulta: 15/03/2012].

Conde, I. (coord.), Martinho T. e Pinheiro J. (2003), “Making distinctions: conditions for women working in serious music and in (new) media arts in Portugal”, in *Culture-Gates – Exposing Professional ‘Gate-Keeping’ Processes in Music and New Media Arts*, Bonn, ERICarts in cooperation with FinnEKVIT, MEDIACULT, Observatório das Atividades Culturais, and ARCult Media.

- Conservatório Escola Profissional das Artes da Madeira – Eng.º Luís Peter Clode, Brochura Informativa 2012/2013. Disponível em http://www.conservatorioescoladadasartes.com/site/_ARQUIVO_SITE/DOC/conservatorio.pdf [data da consulta: 27/09/2012].
- Côrte-Real, M. S. J. [org.] [2010], *Revista Migrações - Número Temático Música e Migração*, n.º 7, Observatório da Imigração, Lisboa: ACIDI. Disponível em http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migracoes7_PT.pdf/986c0d99-9415-44db-9326-f49cc9b37ad4 [data da consulta: 15/09/2011].
- D'almeida, A. C. (coord.), Norte, C., Mortágua, M. J., Rosa, M. J. V., Silva, P. D., Santos, V. (2004), *O Impacto da Imigração nas Sociedades da Europa, Um Estudo para a Rede Europeia das Migrações - o caso Português*, SEF/MAI. Disponível em <http://rem.sef.pt/forms/img.aspx?ID=15> [data da consulta: 14/12/2011].
- Farinha, C. (2012), *Bound to Mobility: The Building up of a Performing Arts Community in the European Union*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/64538/2/tesedoutcristinafarinha2012000172871.pdf> [data da consulta: 22/09/2011].
- Gonçalves, M. O. (2007), "Comunidades transnacionais: participação e integração", in *Polígonos: Revista de Geografia*, n.º 17, pp. 165-174. Disponível em <http://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/poligonos/article/view/403> [data da consulta: 20/08/2012].
- Gomes, R. T., Lourenço, V. e Martinho, T. (2010), *Mobilidade Internacional de Artistas e Outros Profissionais da Cultura*, Lisboa: Observatório das Atividades Culturais.
- Lei da Nacionalidade. Disponível em <http://www.nacionalidade.sef.pt/> [data da consulta: 19/08/2011].
- Legispédia SEF. Disponível em A Lei de Estrangeiros documentada e comentada, de várias formas → Lei n.º 23/2007 [data da consulta: 18/08/2011].
- Marques, R. (2007), "Nota de Abertura", in Nico, M., Gomes, N., Rosado R. e Duarte S., *Licença para Criar: Imigrantes nas Artes em Portugal*, Observatório da Imigração, Lisboa: ACIDI, pp. 13-14.
- Mendes, M. (2010), *Imigração, Identidades e Discriminação. Imigrantes Russos e Ucrânianos na Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Mendes, M. (2011), "Representações e estereótipos dos imigrantes russos e ucranianos na sociedade portuguesa", in *Tempo social*, vol.23, n.1, pp. 269-304. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702011000100013> [acedido a 31/08/2011].
- Huddleston *et al.* (2011), MIPEX III PORTUGAL. Disponível em www.mipex.eu [data da consulta: 11/11/2011].
- Nico, M., Gomes, N., Rosado R. e Duarte S. (2007), *Licença para Criar: Imigrantes nas Artes em Portugal*, Observatório da Imigração, Lisboa: ACIDI. Disponível em http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/Estudo_OI_23.pdf/03ebcc3c-33da-4db7-bf6d-9d3c92f273b2 [data da consulta: 04/12/10].
- Orquestra Clássica da Madeira. Disponível em <http://www.ocmadeira.com/2014/> [data da consulta: 26/09/2014].
- Pires, R. P. (coord.), Machado, F. L., Peixoto, J., Vaz, M. J., Azevedo, J., Chalante, S., Pinho, F. e Sabino, C. (2010), *Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*, Lisboa: Tinta-da-china.

- Reis, J. (coord.), Basto, E., Pereira, T.S., Serra, N., Tolda, J. (2007), *Imigrantes em Portugal: Economia, Sociedade, pessoas e Territórios. A Imigração qualificada: Imigrantes em sectores dinâmicos e inovadores da sociedade portuguesa*, CES/FE/UC, dezembro. Disponível em http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/176_relatorio_imigracao_qualificada.pdf (data da consulta: 7/2/2012).
- SÁ, H. (2009), *A Escola Violínica Russa do Século XX e a sua presença em Portugal*, Tese de Mestrado, Departamento de comunicação e Arte, Universidade de Aveiro. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1234/1/2010001098.pdf> (data da consulta: 31/08/2011).
- Segnini, L. (2011), "O que permanece quando tudo muda? Precariedade e vulnerabilidade do trabalho na perspetiva sociológica", in *Caderno CRH*, V.24, n. spe 01, pp.71-88. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a06v24nspe1.pdf> (data da consulta: 15/09/2011).
- Sorce-Keller, M. (2010), "A música como indicador de inserção social: padrões nacionais em Melbourne", in Côrte-Real, M.,S.,J. (org.), *Revista Migrações – Número Temático Música e Migração*, n.º 7, Observatório da Imigração, Lisboa: ACIDI, pp. 189-198. Disponível em http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migracoes7_PT.pdf/986c0d99-9415-44db-9326-f49cc9b37ad4 (data da consulta: 12/05/2011).
- SOS Racismo (2002), *A Imigração em Portugal. Os movimentos humanos e culturais em Portugal*, Lisboa: SOS Racismo.